

## Habacuque ontem e hoje: a missão de profetizar na efervescência do real

*Habakkuk yesterday and Today: the Mission of Prophesying in the Effervescence of the Real*

Alan Brizotti<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo lança um olhar sobre a atividade profética na missão de Deus para a igreja no mundo, à luz do profeta Habacuque. O profeta é visto pela ótica da relação com Deus e com a história, vivendo sua vocação na efervescência do real, em seus dilemas e conflitos com o poder e as tramas que se desenvolvem ao constatar o alcance do caos, da violência e da banalização do mal. As bases desta reflexão partem das contribuições da *Missio Dei*, bem como a ação profética da igreja no mundo, observando o texto do profeta e a realidade contemporânea. O texto busca um diálogo entre a Escritura e o nosso tempo, o ontem e a efervescência do real.

**Palavras-chave:** *Missio Dei*, Ação profética, Igreja no mundo, Efervescência do real.

**Resume:** This article takes a look at prophetic activity in God's mission for the church in the world, in the light of the prophet Habakkuk. The prophet is seen from the perspective of the relationship with God and with history, living his vocation in the effervescence of the real, in his dilemmas and conflicts with the power and the plots that develop when verifying the scope of chaos, violence and the trivialization of the bad. The bases of this reflection start from the contributions of *Missio Dei*, as well as the prophetic action of the church in the world, observing the text of the prophet and the contemporary reality. The text seeks a dialogue between Scripture and our time, yesterday and the effervescence of the real.

**Keywords:** *Missio Dei*, Prophetic action, Church in the world, Effervescence of the real.

---

Artigo recebido em: 01 de Out. de 2020

Aprovado em: 14 de Dez. 2020

<sup>1</sup> Especialização em Psicanálise no Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica (IBPC), Graduado em Teologia pela FATEH.

## Introdução

Habacuque está na cena moderna, um profeta que exige de nós um olhar apurado, capaz de deixar-se demorar na análise. Ele encara as estruturas da morte: o caos, a banalização do mal e a injustiça - as mesmas que ainda marcam presença na história. Seu livro faz questão de encarar os horrores da violência, com perguntas angustiantes e um vigoroso protesto contra a desordem vigente. Um profeta *ainda* urgente.

Suas frases deixam marcas profundas e reverberam como eco poderoso na história:

- "O justo viverá da fé" (Hc. 2:4);
- "Aviva, ó Senhor, a tua obra!" (Hc. 3:2);
- "Ainda que a figueira não floresça" (Hc. 3:17).

A visão aguçada é uma das suas marcas: ele vê o pior, mas projeta o melhor - sua retina é iluminada pela urgência da vocação profética - e nela, a vida sempre prevalece. É importante lembrar que os profetas eram gente e agente do seu tempo: profetizavam com olhos e ouvidos atentos ao mundo, ao que acontece nas fúrias do cotidiano. Dentre as suas melhores características tem especial destaque a de que não usavam os artificios da fuga: ser profeta era ser sensível à realidade.

O profeta não alimentava uma estética mitológica, repleta de um misticismo extremado, com delírios esotéricos beirando a insanidade (embora muitos ainda façam essa leitura). Ele era (e ainda deve ser) alguém de sensibilidade e lucidez aguçadas, consciência solidária ao drama humano, dotado de comunhão plena: com Deus, com o outro, com as Escrituras, com o mundo e a vida. Eles eram (e ainda são) a voz que o povo não tem, a coragem que lhes falta quando a injustiça e a corrupção invadem a história. Ser profeta é viver com Deus - e isso faz toda a diferença. Eles lutavam (e ainda devem lutar) pelas causas de Deus, jamais por causas próprias.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> O uso do advérbio *ainda* serve para pontuar o diálogo entre o ontem profético e o hoje que carece de um resgate duplo dessa dimensão: tanto da figura do profeta, quanto sua atuação.

Habacuque é um profeta intensamente inserido na problemática do seu tempo, alguém capaz de fazer leituras angustiantes e desenvolver percepções viscerais. Seu texto tem muito a dizer em pleno século XXI, sendo tão atual que parece ter sido escrito em nossos dias, fruto da observação aguda das nossas cidades. Poderíamos chamá-lo de *nosso profeta*. A maioria dos profetas transmite a mensagem de Deus *para nós*; Habacuque fala *o que nós queríamos dizer* a Deus. Ele verbaliza o nosso espanto diante do mal; tira as palavras da nossa boca; expressa as nossas decepções e faz ecoar os nossos questionamentos. Encarna perfeitamente o que o vocábulo *profeta* tem a nos dizer.

O termo profeta (do grego: προφήτης; em hebraico, נָבִי nabí) é encontrado na literatura desde meados do século V a.C. Sua função o aproximava mais do *arauto*, até mesmo do *intérprete*, do que do *adivinho*. Ser profeta é muito mais *proclamar* do que *prever*. O profeta é muito mais o homem da proclamação do que da predição. O vocábulo hebraico נָבִי é a forma passiva de um verbo que significava *clamar* e também *nomear*. O *Nabi* era o *chamado*, *nomeado* para ser porta-voz de Deus. Dar voz aos sem voz! Segundo a Bíblia Hebraica, a função essencial do profeta era ser testemunha de YAHWEH no meio do seu povo, seu mensageiro. O profeta, antes do tudo, era o homem da proclamação. Ele sempre tinha o que dizer! O profeta não apenas possuía fé em Deus - a própria fé *o possuía*. Ele tinha fé *em Deus* e também a fé *de Deus*.<sup>3</sup>

Habacuque é um dos personagens bíblicos com menos dados biográficos disponíveis. Seu nome, embora seja raro e de significado incerto,<sup>4</sup> é um banquete semântico que evoca múltiplas possibilidades exegéticas, pois pode carregar um significado muito profundo e sugestivo: pode ser *ele abraça*; *um abraço* ou simplesmente, como sugeriu Jerônimo, *abraço*.<sup>5</sup> Numa era onde se vencia pela força do braço, Deus levanta um profeta/abraço, numa poética indicativa extremamente bela: Deus sempre vence suas guerras pelo amor. Usando outra imagem também dos profetas: é “transformar a espada em arado” (Is. 2:4; Mq. 4:3). Se levarmos em consideração a partícula *Aba*, como *pai*, seu nome pode significar

---

<sup>3</sup> AMSLER, S. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 15.

<sup>4</sup> ARCHER JR, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento*. Edições Vida Nova, São Paulo, 1974, p. 404

<sup>5</sup> FAFASULI, Tito. *Nuevo comentario bíblico*. Casa Bautista de Publicaciones, 1985, p. 575

*abraço de pai*; o que pode nos sugerir a imagem da cruz: no meio do caos e da violência, o filho, de braços abertos, revela o Pai que abraça. A lente do evangelho empresta uma figura familiar ao profeta.

Um dos desafios de quem ousa lançar um olhar à efervescência do real<sup>6</sup> é não se perder no processo. É manter-se como *abraço*, e não como agente de destruição. A *missio Dei*<sup>7</sup> descruza os nossos braços: dá uma causa, um sentido, um propósito. Nossos braços e abraços são construções da mesma missão - a missão de Deus para a glória de Deus! Não podemos nos esquecer de que Evangelho é boa notícia: a notícia de que no meio do caos e do desespero, brilhou a luz!

Peterson, 2008 diz:

“Um profeta leva as pessoas a conhecer Deus: quem ele é, suas particularidades, palavras e ações. Ele nos desperta de nossa sonolenta complacência, fazendo-nos ver o grande e atordoante drama que é a nossa existência, empurrando-nos para o palco, a fim de que desempenhemos nossos papéis, quer nos julguemos prontos, quer não. O profeta suscita nossa ira ao rejeitar nossos eufemismos, revelar nossos disfarces e, então, trazer à tona nossos atos mais cruéis e motivos mais egoístas, exibindo-os onde todos possam vê-los. O profeta faz com que tudo e todos pareçam importantes e significantes - importantes porque foram criados por Deus; significantes porque Deus está, agora mesmo, usando sua criação, homens e mulheres, de forma

---

<sup>6</sup> Chamo de “efervescência do real” essa mistura de banalidades que a realidade apresenta, o caldeirão de misturas da vida.

<sup>7</sup> Em 1932, o grande teólogo Karl Barth foi um dos primeiros a caracterizar a missão como atividade do próprio Deus. Em 1933, Karl Hartenstein esposou convicção similar em sua obra *Missão como problema teológico*. Na 5ª Conferência Mundial de Missão em Willingen, Alemanha (1952), esse conceito ganhou reconhecimento na teologia da missão e nas mais diversas igrejas. A concepção teológica da *Missio Dei*, afirma que o Pai enviou o Filho que, por sua vez, enviou o Espírito. Estes três na sua unidade indissolúvel enviam a Igreja ao mundo. A missão da Igreja é, pois, derivada da *Missio Dei* (cf. David J. BOSCH, *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission*, New York/Maryknoll: Orbis, 1993, p. 389-393).

ativa. Esse enviado de Deus, o profeta, torna difícil a continuidade de vidas egoístas ou inúteis”.<sup>8</sup>

A palavra profética responde a circunstâncias particulares. Ela supõe um contexto delimitado tanto nos planos político e cultural, como nos planos geográfico, econômico e religioso. Isso sem falar nos aspectos psicológicos, sociológicos e filosóficos. Não era de maneira vaga que Deus se dirigia ao seu povo. Suas intervenções eram sempre precisas e visavam pessoas concretas, em tempos e lugares reais. Os profetas estavam plenamente inseridos na história de seu tempo. Habacuque, representando magistralmente essa postura, nos ajuda a responder uma difícil questão contemporânea: como falar do evangelho a um mundo surdo? A imagética e a experiência do profeta é um grito que sinaliza para a resposta: mostrando, encarnando, revelando!

Vamos refletir sobre algumas perspectivas da efervescência do real à luz do profeta Habacuque:

## 1. A perspectiva relacional

Não se faz a *Missio Dei* sem um profundo relacionamento com o Deus da missão.<sup>9</sup> Habacuque percebeu que Deus iria usar a cruel máquina de guerra da Babilônia para executar seu juízo sobre o próprio povo de Deus - ou seja, Deus usaria uma nação ímpia para castigar uma nação piedosa. Era demais para o profeta! A relação do profeta com Deus também passa pelo confronto, pelo conflito, pela crise.

O profeta está diante de algumas realidades terríveis: a prosperidade do ímpio (o que intrigava Asafe), o sofrimento do justo (o dilema de Jó) e o Deus que parece ausente na hora da dor (o grito da cruz). No profetismo bíblico, além de todos esses conflitos, há ainda uma dimensão que assolava os profetas: a corrupção. Mal de ontem e, infelizmente, de hoje! Amsler disse algo devastador: “Diante da mensagem do profeta não havia domínio reservado: ele

---

<sup>8</sup> PETERSON, Eugene. *Ânimo: o antídoto bíblico contra o tédio e a mediocridade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 45

<sup>9</sup> A *Missio Dei* como Missão de Deus à Igreja, já é, em si mesma, um chamado à relação mais aprofundada com Deus. A base disso é a leitura e meditação nas Escrituras, a piedade profunda e conectada à vida social e prática (a missão em sua vertente mais objetiva). O relacionamento com Deus aqui entendido é um convite ao mergulho na realidade da vida, a missão entre as pessoas, ouvindo e servindo.

gritava sobre os telhados o que era sussurrado em segredo; denunciava publicamente o que se pensava ocultamente. Porque nada escapava aos olhos ou às exigências do Deus que o tinha enviado”<sup>10</sup>.

Diante do quadro alarmante que a nação apresentava, o profeta faz três coisas:

1º Fala - e muito! Relações com Deus são sempre abertas ao diálogo, são relações construídas nas tramas da palavra.

2º Espera - é a dimensão da pausa. O profeta aprende a dinâmica de Deus: falar, pausar e reagir.

3º Ouve - ouvir, escutar são dimensões profundas e significativas da percepção profética: o profeta é um servo em diálogo, raramente faz um monólogo.

Ao lermos o texto de Habacuque, percebemos que o profeta começou exatamente de onde nós começamos: com nossas queixas, perplexidades e acusações contra Deus - mas não parou por aí - ele aprofunda a conversa, busca o conhecimento de Deus! Esse é o mistério da dor! Habacuque escreve tendo como base a observação da vida e a terrível pergunta que insiste em nos acompanhar: onde está Deus quando mais precisamos dele? (Hc. 1.2-4). O profeta nos ensina que o relacionamento com Deus não é um passeio no parque ou uma aula no jardim, é uma viagem ao deserto, uma conversa franca, na caverna, sem fugas - a autenticidade é a base de um relacionamento verdadeiro com Deus.

Abraham Joshua Heschel (1907–1972), um dos grandes pensadores da cultura judaica, acreditava que a voz do profeta representava um grito à consciência humana. Ele tem o profeta como um modelo inspirador para reflexão sobre a existência, um testemunho do sentido do grande mistério que nos serve de exemplo nas ações cotidianas. Heschel nos mostra a natureza do profeta: alguém que está profundamente envolvido com Deus, amando-o e discordando dele, vivendo e até pedindo a morte - é sentimento para além da mera função. O profeta não é alguém que *somente fala*, ele vive intensamente o *pathos*, sente o que Deus sente.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> AMSLER 1992, p. 113

<sup>11</sup> Abraham Joshua HESCHEL apud Alexandre LEONE, *A imagem divina e o pó da terra*. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP-FAPESP, 2002, p. 69-70.

Não se faz a missão de Deus sem um aprofundamento no Deus da missão, sem um mergulho relacional. Não há profeta sem envolvimento visceral com Deus. Não deveria haver, inclusive, os famigerados “profetas de gabinete”, longe do drama relacional. A efervescência do real não possui “sala VIP”, não há blindagem, zonas de segurança, redomas encantadas - a vida acontece entre dramas e tramas e, cada uma delas, exige atenção, cuidado e discernimento.

## **2. Uma perspectiva profundamente realista**

Não se faz a missão de Deus fugindo da vida real. Um dos maiores perigos da fé cristã é a espiritualização exagerada da vida: gente que acredita que, decretando três, cinco ou sete vezes e tatuando a Estrela de Davi na testa, o abracadabra gospel faz acontecer (a tentação matemática é parceira fiel da numerologia profetomaniaca). Essa tendência à mágica é, por si só, um erro de interpretação do que seja a identidade e a função do profeta. Um jeito tresloucado de fugir da realidade, apelando ao imaginário lúdico, fantasmático ou folclórico.

O capítulo dois de Habacuque é visceral, colocando-nos na apresentação radical da vida, da realidade da nação, sem rodeios, sem suavizar a verdade. O profeta faz um apontamento crítico e profundo das entranhas do mal, suas violências simbólicas e seu efeito devastador na mentalidade nacional.

Habacuque registra no capítulo 2, os Cinco ais da injustiça, ou os Cinco ais do antievangelho:

- v. 6: 1º Ai: *Ai daquele que se enche de bens saqueados* - é a injustiça dos que roubam - a falsa posse. O profeta denuncia a malignidade do acúmulo. A verdadeira prosperidade não está no acúmulo, mas na distribuição.
- v. 9: 2º Ai: *Ai daquele que adquire para sua casa lucros criminosos* - é a injustiça dos que enganam - a falsa prosperidade que cresce sob as engrenagens da corrupção.
- v. 12: 3º Ai: *Ai daquele que edifica a cidade com sangue e a alicerça com maldade!* - é a injustiça dos que matam - o falso poder.
- v. 15: 4º Ai: *Ai daquele que dá de beber ao próximo, adicionando à bebida o seu furor, e o embebeda para ver a sua nudez* - é a injustiça dos que seduzem - o falso relacionamento.

- v. 19: 5º Ai: *Ai daquele que diz à madeira: Acorda!; e à pedra muda: Desperta! Por acaso pode o ídolo ensinar? Está coberto de ouro e de prata, mas não há espírito algum dentro dele - é a injustiça dos que se desviam da verdade - o falso culto - a idolatria.*

Nosso profeta faz um diagnóstico honesto e verdadeiro da realidade da nação. Habacuque 2.14 é uma citação de Isaías 11.9: o texto cita Deus *dentro do contexto do terceiro ai* - porque só Deus tem o verdadeiro poder - e não é um poder que se legitima tirando sangue, mas doando o seu - é a imagem da cruz!

Habuque é tão atual que no v. 15, no quarto ai há uma prática muito comum no mundo de hoje: a mistura perversa da luxúria com a humilhação alheia - é a Bíblia condenando o *bullying* cerca de 650 anos antes de Cristo! A dimensão social não é um assunto que surge por acaso, ou de vez em quando, é um assunto urgente, na pauta do dia, na agenda da misericórdia. A atuação profética, em sua profundidade, também leva em conta a dimensão psíquica do indivíduo, respeitando-o em sua mais discreta intimidade.<sup>12</sup>

O último ai é um golpe decisivo no império dos ídolos. Na mentalidade de Habacuque, a idolatria está ligada à injustiça, já que os ídolos não exigem justiça. Os ídolos assistem mudos ao poder injusto dos seus devotos e até se prestam ao jogo das aparências (Is. 44.9-20 e Jr. 10.1-16). O profeta, na efervescência do real, é o agente sagrado que arranca a máscara dos deuses e dos ídolos - sejam eles do imaginário teológico ou de carne e osso.

Habuque nos ensina que a missão de Deus encara a vida real, a presença do mal e as distorções da mentira, mas permanece compromissada com a verdade e com a esperança - servimos ao Deus justo e vivo. A verdadeira vocação profética não se rende aos jogos de poder, manipulação e idolatria. Nossa missão não foge da vida, pelo contrário, mergulha nela e a transforma!

### **3. Uma perspectiva esperançosa**

O profeta não vivenciava sua vocação, com toda a carga emocional que exigia, sem a renovação constante da esperança. Os

---

<sup>12</sup> L. Alonso SCHOKEL - J. L. Sicre DIAZ. Profetas I: Grande Comentário Bíblico, 1988, p. 15



profetas mantinham um olhar poético para a vida e para a história. A poesia profética era uma poderosa aliada da imaginação esperançosa, uma forma bela e profunda de amplificar o alcance e o poder da mensagem que proclamavam na palavra e nos atos da vida.

Robert Alter, 2007 diz:

Não é difícil imaginar por que os Profetas buscaram a poesia, com suas ressonâncias, ênfases, simetrias e imagens vigorosas, como veículo de suas visões de futuro, pois a poesia profética é uma forma de comunicação direta que se torna elevada, memorável e quase irretorquível por obra dos recursos retóricos do verso formal<sup>13</sup>

Habacuque é um livro repleto de imagens do mal, da violência e da dor, mas também é um hino à esperança, à beleza e à graça! O capítulo três é um magnífico Salmo: beleza, poesia e esperança conjugadas numa oração sincera. Habacuque conseguiu unir várias dimensões num único texto: profecia, lamentação, protesto, salmo e libertação. A missão de Deus nos completa.

O apóstolo Paulo citou várias vezes o livro de Habacuque:

- Por duas vezes citou a belíssima expressão (Hc. 2.4): “O justo viverá da fé” - Rm. 1.17 e Gl. 3.11.
- Em seu discurso em Antioquia (At. 13.41) Paulo citou Hc. 1.5, dando um novo sentido à expressão “uma grande obra” - não mais a invasão de um Império libertando Israel de outro Império opressor, mas sim a obra redentora de Cristo trazendo o reino que liberta do mal. A lente do Evangelho agiganta a propriedade profética do texto vetero testamentário.
- Provavelmente, a expressão “ídolos mudos” de I Co. 12.2 seja uma referência de Paulo a Hc. 2.18-19.
- Hebreus 10.38 também faz ressonância de Hc. 2.4: “O justo viverá da fé”.

A esperança do profeta alimenta sua missão, desse modo, a tarefa que ele realiza, também o realiza como profeta - é a

---

<sup>13</sup> ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 231-232

retroalimentação profético-missionária. O profeta descansa porque sabe que as circunstâncias não definem nem adulteram a sua fé, por isso ele pode cantar:

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto nas videiras;  
Ainda que o produto da oliveira falhe, e os campos não produzam mantimento;  
Ainda que o rebanho seja exterminado do estábulo e não haja gado nos currais;  
Mesmo assim, eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação.  
O Senhor Deus é a minha força! Ele fará os meus pés como os da corça e me fará andar sobre os lugares altos. (Hc. 3.17-19).

A missão de Deus sempre será para a glória de Deus!

### **Considerações finais**

A denúncia profética não é apenas a crítica fria, a política das acusações. É a perfeita busca da reconstrução - o profeta denuncia para curar, para mudar, para propor o novo. A alegria do profeta não está na fúria, no dedo em riste e suas deformidades, está em sacudir a nação, em chamar o povo ao arrependimento e ao retorno a Deus. O profeta é aquele que preserva a tradição autêntica do seu povo, perdida ou deformada em meio a tantas tradições criadas para defender interesses, legitimar poderes e sustentar sistemas.

O profeta, na efervescência do real, mergulha e percebe a ação de Deus no meio do povo, suas lutas e seus conflitos. A ação profética vai se tornando um modelo da Igreja no mundo, da *Missio Dei*, da capacidade de sinalizar os conceitos mais profundos do reino de Deus: justiça, amor, misericórdia, redenção. O profeta não fecha os olhos para as injustiças, cada ai que ousa proclamar é mais do que protesto, é proposta de restauração e de reconstrução.

Muitas vezes, os profetas gritam sozinhos, sem que ninguém lhes dê ouvidos. O profeta fere, com suas palavras, o âmago da injustiça, lavando a realidade com suas lágrimas. Jesus deu voz a essa dor: “Um profeta só não é valorizado na sua própria terra, entre os parentes e na própria casa” (Mc. 6.4). O profeta incomoda porque tem boca de fogo e não de flores. A História, por sua vez, insiste em conferir-lhes razão: o tempo, que é amigo da verdade, costuma revelar como fiéis esses que, com os pés fincados no chão da

realidade, enxergam longe e desmascaram as relações que conspiram contra Deus.

O mundo aguarda pelos profetas da realidade, os Micaías cotidianos (II Cr. 18.7). A sociedade clama por uma igreja saudável numa cidade doente. É tempo de provocar mudanças. Os profetas viveram sua vocação com paixão, vida e graça. Andavam e viviam dentro da única perspectiva possível: a missão. Suas vidas foram testemunhos de que Deus fala e se move na direção dos aflitos, dos oprimidos e dos quebrados.

O Deus dos profetas não está à venda!

## Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1985

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

AMSLER, S. ASURMENDI, J. AUNEAU, J. MARTIN-ACHARD, R. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO. São Paulo: Hagnos, 2016.

FOHRER, G. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2008.

GUTTMANN, Julius. *A Filosofia do Judaísmo: a história da filosofia judaica desde os tempos bíblicos até Franz Rosenzweig*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HESCHEL, Abraham J. *O último dos profetas: uma Introdução ao pensamento de Abraham Joshua Heschel*. São Paulo: Manole, 2002.

\_\_\_\_\_. *O homem à procura de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

HOMBURG, Klaus. *Introdução ao Antigo Testamento*. 4. ed. Trad. Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas-Loyola, 2004.

LEONE, Alexandre G. *A imagem divina e o pó da terra: humanismo sagrado e crítica da modernidade A. J. Heschel*. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP-FAPESP, 2002.

MAZZAROLO, Isidoro. *O clamor dos profetas ao Deus da justiça e misericórdia*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2007.

SCHOKEL, L. Alonso - DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas I - Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1988.

\_\_\_\_\_. *Profetas II - Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2011.